

ANTÔNIO CONSELHEIRO, O MÍSTICO DE "OS SERTÕES"

Jorge Bertolaso Stella
S. Paulo

1. "Os Sertões" de Euclides da Cunha tem sido estudado sob vários aspectos por pesquisadores e críticos de alto valor (1). "Os Sertões" são Antônio Conselheiro. A obra é um monumento.

A nossa literatura e a nossa história têm muito a colher dessa mina inesgotável. É uma obra destinada a não desaparecer.

Quanto mais se avança tanto mais se lê com interesse e aproveitamento esse arquivo precioso de uma parte da nossa história empolgante e triste.

2. O meu propósito, nestas linhas despreziosas, é focalizar ligeiramente Antônio Conselheiro, colocando-o par de alguns místicos da história religiosa. Personagem complexo. Aquêles que o descrevem não o conheceram pessoalmente e utilizaram-se de fontes apresentadas por outros.

Quero, de modo especial, ocupar-me da parte positiva e não negativa de Antônio Conselheiro, mesmo porque êste artigo não comporta um estudo de extensão e de profundidade como seria preciso, sob o aspecto crítico.

Esta figura estranha, perseguida e combatida, de quem não se fala, porque aquêles que o poderiam fazer emudeceram pela morte, é marcada com têrmos que a reduzem a trapo, como "paranoico", "famigerado", "bárbaro", "fanático", "louco" e outros. Porém, examinada sob um certo ângulo, apresenta-se ao meu espírito como digna de estudo e de simpatia.

Que é um místico? Místicos os há de várias espécies. Uns são extáticos, contemplativos, recolhidos, outros irriquietos, excitados confinando, às vêzes, com os fanáticos, como no caso do apóstolo Paulo, antes da sua conversão, quando era judeu ardoroso e perseguidor dos cristãos.

O místico deve ser estudado dentro da sua época e do seu

(1) Olímpio de Souza Andrade, *História e Interpretação de "Os Sertões"*, S. Paulo, 1966.

ambiente. Tirá-lo daí é desfigurá-lo e mais do que isso é não compreendê-lo.

Sob a pecha de "fanático", e por isso pernicioso, Antônio Conselheiro tem passado de bôca em bôca. Porém, fanático é também o indivíduo de convicção profunda. Nada o demove do seu ideal, em-

Um dia Spinosa fôra intimado a comparecer perante uma cõbora perseguido, mal interpretado, expulso ou condenado à fogueira. missão austera de judeus, acusado de ateísmo. Ele, firme nas suas convicções, fôra expulso da Gremiação. No entanto, Renan, num discurso que se tornou célebre, referiu-se a êle como um homem "embriagado de Deus".

Giordano Bruno também não renegara os seus princípios e a Igreja o condenou à fogueira como herege. Ele, tranquilo, perante o tribunal da Inquisição, disse estas palavras que revelam a sua efígie: "Maggior timore provate voi nel pronunciar la sentenza contra di meche non io nel riceverla". (1)

Se Antônio Conselheiro fôsse pêgo no cêrco de Canudos, talvez tivesse sido crucificado e ultrajado como Cristo, com a diferença de que na crucificação de Jesus os discípulos o abandonaram, enquanto na de Antônio Conselheiro, até as crianças se acercariam da cruz, tal a devoção dêsses infelizes, que também, mal compreendidos, procuravam nêle uma palavra de confôrto, última expressão de amor.

Não compete a mim e nem é êste o lugar de manifestar a minha reprovação quanto à maneira pela qual foram sacrificados homens, mulheres e crianças nessa campanha destruidora. Outros já o fizeram. Se a escravidão foi uma nódoa em nossa história, Canudos foi uma mancha que nos entristece.

3. Da infância de Antônio Conselheiro sabe-se muito pouco. Os raros escritores que dêle se ocupam (1), deram-no como uma criança tímida e boa, levando uma existência normal, a devorar o **Lunário Perpétuo**, aventuras de cavaleiros medievais e textos religiosos, as guerras do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França, a Princesa Magalona e as lições do catecismo católico.

Nasceu a 13 de março de 1830 em Quixeramobim, no Ceará. Oriundo de família brava, mas digna. Seu pai chamava-se Vicente Mendes Maciel, "homem irascível, mas de excelente caráter, meio visionário e desconfiado, mas de tanta capacidade que, sendo analfa-

(1) Domenico Berti, *Giordano Bruno da Nola, Sua Vita e sua dottrina*, Firenze, 1889, pág. 326.

(1) Nertan Macedo, *Antônio Conselheiro*, Rio de Janeiro, 1969 pg. 101.

beto, negociava largamente em fazendas, trazendo tudo perfeitamente contado e medido de memória, sem mesmo ter escrita para os devedores" (2). Este quadro é de Euclides da Cunha.

De Nertan, selecionamos êstes têrmos a mais, em seu abono: "vigoroso" e "inteligente", "cortês", "obsequioso" e "honrado" (1).

Antônio Conselheiro era pardo e filho natural. Sua mãe, Maria Joaquina, era também parda. Seu nome completo era Antônio Vicente Mendes Maciel, apelidado "Antônio Conselheiro", em vista dos conselhos que costumava dar. O pai desejava que o filho, um dia, fôsse sacerdote; sendo porém amancebado, imaginava tal fato como um empecilho. Resolveu então casar-se com Maria Joaquina, ato êste que se realizou no dia 31 de agosto de 1834.

Educado na disciplina rígida da honradez, o moço era tímido, tranqüilo, retraído, avêssô a troça, preocupado no cumprimento de sua obrigação, como caixeiro de seu pai. Era rapaz de vida corretíssima e calma, afetuoso e compreensivo.

Após a morte do pai, tendo sob os ombros a tarefa de velar por três irmãs solteiras, só depois de casá-las é que cogitou de constituir o seu lar. Casou-se, a 7 de janeiro de 1857, com Brasilina Laurentina de Lima, sua parenta, filha de Francisca Maciel, irmã de seu pai, bastarda e parda como êle.

4. Dada a derrocada financeira, êle transferiu-se para outros lugares, procurando sempre fazer alguma cousa, um trabalho honesto.

Eis um trecho dos **Sertões**: "Tendo ficado sem bens de fortuna, Antônio Maciel, nesta fase preparatória de sua vida, a despeito das desordens do lar, ao chegar a qualquer nova sede de residência, procura logo um emprêgo, um meio qualquer honesto de subsistência. Em 1859, mudando-se para Sobral, emprega-se como caixeiro. Demora-se porém pouco ali. Segue para Campo Grande, onde desempenha as funções modestas de escrivão do Juiz de Paz. Daí, sem demora, se desloca para Ipu. Faz-se solicitador, ou requerente no **forum**" (1)

Em Ipu sofre uma desgraça, a maior da sua vida: um oficial de polícia lhe raptara a espôsa. O golpe que sofreu atingiu-o em cheio.

O ladrão que rouba a riqueza material rouba muito, é certo,

(2) *Os Sertões*, edição 27, 1968, pg. 118.

(1) Nertan Macedo, *Antônio Conselheiro*, Rio de Janeiro 1969, pg. 105.

(1) *Os Sertões*, 1967, pg. 119

mas não rouba tudo. Porém o ladrão de coração, que furta os afetos da alma, rouba tudo o que há de melhor na vida. A vítima torna-se um cadáver.

Coberto de vergonha, que é a película da personalidade em muitos indivíduos, desnudada a alma, humilhado, o desgraçado procurou vestir-se do silêncio, do isolamento e tomou o rumo do sertão.

Apareceu em vários lugares na Bahia; dos sertões de Pernambuco passou aos de Sergipe, na cidade de Itabaiana, em Itapicuru-de-Cima. De 1877 a 1887 errou pelos sertões, tendo chegado até o litoral, em Vila Conde (1887). Passou por Alagoasinhas, Inhambupé, Bom Conselho, Geremoabo, Cumbe, Mucanho, Massacará, Pombal, Monte Santo, Tucano, restaurando aqui os muros arruinados de um cemitério, reparando ali uma Igreja em ruínas, erguendo além uma capela. Era um judeu errante.

O golpe e a decepção que sofrera, mudara-lhe o destino da vida e o ideal. Que se passaria naquele coração ermo de afetos e coberto de ignomínia?

Ao infeliz somente restava uma esperança e um conforto neste mundo de ilusões, a religião.

A educação religiosa que recebera, pois estava destinado a ser padre, foi-lhe um bálsamo na hora da provação. A fé e a esperança sublimam as provações da alma. Entendeu que o isolamento seria melhor para êle e buscou-o.

O seu caso não era único, na experiência dolorosa da sociedade; outros muitos, ao serem feridos na alma, mudaram de ideal e de rumo na existência.

Victor Hugo, no seu livro imortal **Os Miseráveis**, espelho da sociedade em todos os tempos, deixa perceber que 'Monsenhor Benvido', assim denominado em outros tempos, sofrera um abalo profundo, de que resultara o vulto magnânimo entre os sacerdotes dos seus dias.

Na sua peregrinação, Antônio Conselheiro vivia de esmolas, porém só recebia o suficiente para não morrer de fome e dormia no chão ou sobre uma tábua.

Levando às costas um surrão de couro em que trazia papel, pena, tinta, a **Missão Abreviada** e as **Horas Marianas**, dando a impressão de um paranóico, é assim descrito neste longo lance: — "Apareceu no sertão do norte um indivíduo que diz chamar-se Antônio Conse-

lheiro; e que exerce grande influência no espírito das classes populares, servindo-se do seu exterior misterioso e costumes ascéticos, com que impõe à ignorância e à simplicidade. Deixa crescer a barba e cabelos. Veste uma túnica de algodão e alimenta-se tenuousamente, sendo quase uma múmia. Acompanhado de duas professoras, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e dar conselhos às multidões, que reúne, onde lhe permitem os párocos; e movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo e guiando-o a seu gosto. Revela ser um homem inteligente, mas sem cultura" (1)

Alguns profetas empreenderam práticas ascéticas e eram homens rudes e não homens de estudo segundo o pensamento moderno. Jeremias, por exemplo, vagou pelas estradas, levando sobre os ombros um jugo (tipo de jugo muscular); Isaias andou nu três anos; João Batista vinha do deserto e vestia-se de pêlo de camelo, com um cinto ao lombo e somente comia gafanhoto e mel silvestre.

Quanta gente da sua época não os considerava loucos?

O próprio Jesus não escapou dessa crítica, pois foi considerado endemoninhado.

É bom notar que Antônio Conselheiro possuía alguns conhecimentos. Não era analfabeto. Frequentou a escola quando menino e estudou rudimentos de latim, francês, português, com o professor Manoel Antônio Ferreira Nobre. Desempenhou as funções de escrivão de Paz e fez-se solicitador ou requerente no Fórum. Era advogado dos pobres. Tendo-se transferido, certa vez, para uma fazenda chamada. O Tigre, tornou-se ali mestre-escola e ensinava português, aritmética e geografia. Fez-se também professor primário na Santo Amaro.

5. No seu infortúnio, como dissemos, Antônio Conselheiro tratou de receber conforto da religião.

Quando as esperanças da terra fenecem, as do céu, para o religioso, aparecem e trazem conforto.

Conhecendo ele agora o mundo por um outro prisma, age de modo estranho, dado o seu estado psíquico-religioso.

Consoante as circunstâncias, a religião pode produzir espécimens diversos, podendo comprometer o indivíduo, fazendo-o alvo de várias interpretações. Somente Deus, que não olha para o exterior da religião, mas para o coração, para o interior do indivíduo, pode julgar.

(1) Os Sertões, pg. 122

A religião de Antônio Conselheiro era a mesma da sua infância, mas agora, em outra época e com outra experiência, dado o choque que sofrera, revelou-se aqui e ali com características diferentes, sendo por muitos considerado um desequilibrado. Ele sentia o desejo de pregar.

Em regra, há dois lugares atraentes para alguns místicos: o cemitério e a Igreja. Ambos ambientes do silêncio.

Os mortos sempre impressionaram e alguns estudiosos têm afirmado que o culto dos mortos deu origem à religião.

O cemitério é a zona da esperança, invenção de Jesus, e prende o indivíduo aos seus antepassados. Ele atrai à veneração e obriga a pensar, a meditar sobre o mistério da morte e do além.

Por onde Antônio Conselheiro passava, deixava traços inapagáveis do seu interesse em construir cemitérios ou restaurá-las, como também igrejas. Ele, que vira vários sepultamentos quando menino, em sua cidade natal, impressionado, considerava o túmulo lugar sagrado.

Respirava, parece, o mesmo sentimento do Profeta Neemias ao responder ao rei Artaxerxes: "Como não estaria triste o meu rosto, estando a cidade, o lugar dos sepulcros de meus pais assolada"? (Neemias, 2:3).

Outra atração forte para Antônio Conselheiro era o templo. Gostava de edificar igrejas e capelas ou restaurá-las. Possuía grande veneração pela casa de Deus. A sua mente estava voltada para esse recinto sagrado. Faz lembrar as palavras do salmista: "Que eu habite na casa do Senhor por largos dias" (Salmo 13:3).

E foi nessa casa onde ele morreu.

Se o cemitério é o local da esperança, a igreja é o recinto da fé, onde o indivíduo retempera sua vida espiritual em comunhão com Deus.

6. Fato notável, Antônio Conselheiro não convidara ninguém a segui-lo. Seguiam-no e o faziam com a sua religião mista. Aquela pobre gente necessitava de um guia na vida e desarvorada seguia as pegadas desse profeta pobre e estranho; eram "como ovelhas que não têm pastor" (Mateus 9:36).

Ele nada tinha a oferecer aos que o seguiam, porque "vinha do tirocínio brutal da fome, da sede, das fadigas, das angústias recalçadas e das misérias fundas. Não tinha dores desconhecidas. A epi-

derme sêca rugava-lhe como uma couraça amalgada e rôta a carne morta. Anestesiava-a com a sua própria dor; macerava-a e sarjava-a de cilício mais duro que os hureis de esparto; trouxe-a de rojo pelas pedras dos caminhos; esturrava-a nos rescaldos das secas; entouçava nos rebentos frios, adormecera-a em transitórios reparos, nos leitões dilacerantes das caatingas... Abeirava muito a morte nos jejuns prolongados com requintes de ascetismo que surpreenderia Tertuliano, êsse sombrio propagandista da eliminação lenta da matéria, descarregando-se do seu sangue, fardo pesado e importuno da alma impaciente por fugir" (1).

Essa gente rude, ignorante, nada tinha a esperar de um homem vazio do mundo, mas talvez por isso mesmo o seguissem.

Êste relato pungente coloca-se ao lado da vida de São Paulo: "Em trabalho e fadigas, em vigílias muitas vêzes, em fome e sêde, em jejum muitas vêzes, em frio e nudez" (2.ª Carta aos Coríntios, 11:27). "Oxalá, diz êle, me suportásseis um pouco na minha loucura" (2.ª Carta aos Coríntios, 11:1).

Ainda em outros passos o apóstolo diz gemendo: "Até a presente hora sofremos fome e sêde, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa. E nos afadigamos, e trabalhamos com as nossas próprias mãos; somos injuriados e bendizemos; somos perseguidos, e sofremos. Somos blasfemados, e rogamos; até ao presente temos chegado a ser como o lixo dêste mundo, e como a escória de todos" (1.ª Carta aos Coríntios, 4:11-13).

Antônio Conselheiro não se preocupava com o seu físico, dava-lhe inteiro desprezo. Alimentava-se pouco, o suficiente para não morrer de fome e alimentava-se, às vêzes, com um pires de farinha. Vestia sòmente um camisolão de algodão.

De uma Upanichada do 7.º século a.C. extraímos esta descrição do homem: "Neste corpo permeado de ossos, de pele, de tendões, de medula, de carne, de esperma, de sangue, de viscosidade, de lágrimas, de remela, de excremento, de urina, de bile e de fleuma — como se pode ter prazer? Neste corpo tomado de paixões, da ira, do desejo, das representações, do temor, da dúvida, da inveja, da separação daquilo que se ama, da união com aquilo que se odeia, da fome, da sêde, da velhice, da morte, da enfermidade, da tristeza e de outras aflições — como se pode ter prazer?" (1)

Tempo houve, reza a tradição, que Buda também comia apenas

(1) *Os Sertões*, pg. 123-124.

(1) *Maitry — Upanisad*, I, 3.º

um grão de arroz por dia e dormia nos cemitérios, vestindo-se com os andrajos dos cadáveres.

Lembro ainda, entre outros, o místico filósofo Plotino que tinha repugnância pelo seu próprio corpo. Julgava-o instrumento desprezível, razão por que não permitiu fizessem a sua escultura.

Vem ao caso citar um pensamento do próprio São Paulo, que reflete o seu estado íntimo: "Miserável homem que sou eu! Quem me livrará do corpo desta morte?", (Carta aos Romanos, 7:24).

Tenho pensado que, se nos fôsse dado ver São Paulo anão, pernas arcadas, nariz aquilino, magro, feio, raquítico, sobrelhas unidas, quase cego, olhos melosos, enfezado, barba comprida, irascível, capa surrada, epilético, segundo alguns, observaríamos alguma semelhança entre êle e Antônio Conselheiro.

Por vêzes os místicos se conhecem por dentro e por fora. Uma vez no tribunal, Festo exclamou perante os grandes que o cercavam: "Estás louco, Paulo" (Atos dos Apóstolos, 26:24). E passando adiante, o apóstolo se associa aos outros com esta frase: "Nós somos loucos" (1.ª Carta aos Coríntios, 4:10 — 13).

Lembra a figura de Pedro Valdo, de Lyão. Num ato de mudança de vida, distribuiu os seus bens aos pobres, abandonou a família e passou a pregar o cristianismo diferente do da Igreja Católica e foi chamado louco. Pedro Valdo deu origem à Igreja Valdense na Itália.

7. Antônio Conselheiro pregava contra a vaidade feminina e considerava a beleza da mulher como a face tentadora de Satanás. Experiência dolorosa tivera êle. Nunca mais olhou para uma mulher. Falava de costas, mesmo com as beatas velhas.

Vem a propósito narrar o conceito de Buda sobre as mulheres. Um discípulo do Mestre, de nome Ananda, que era para com Buda o que João fôra para com Jesus, interrogou-o, certa vez, como deveria comportar-se em relação às mulheres:

"Não olhar para elas, Ananda.

Mas se não pudermos deixar de olhar para elas?

Não falar com elas, Ananda.

Mas se não pudermos deixar de falar com elas?

Toma muito cuidado, Ananda.

O sexo feminino é absolutamente condenado nos livros do Jainismo.

Mahavera, para quem as mulheres eram a causa de todo ato pecaminoso, viu o verdadeiro estado do mundo

As mulheres são a maior tentação do mundo. Isso declara o sábio. Ele não deve falar de mulheres, nem olhá-las, nem conversar com elas, nem reclamá-las como suas, nem fazer o seu trabalho.

8. Antônio Conselheiro era guia espiritual. Procurava incutir no espírito dos seus seguidores o sentimento do temor de Deus. Obrigava-os a exercer a sua religiosidade com rezas, ladainhas e atos exteriores, como seja beijar o santo.

Recomendava o jejum, a abstinência, e pureza. Ele mesmo dava o exemplo. Seguia a Jesus, cujas palavras eram vida. Na calamidade procurava o isolamento e a relação mais íntima com Deus.

Místico, êle tinha convicções religiosas profundas, como bom católico.

A religião estava nas fibras da sua alma.

Insurgiu-se contra alguma coisa que êle julgava errada na sua Igreja, afirmando que ela perdera a sua glória e obedecia a Satanás.

A sua moral era restrita como a de Montanus, que nunca lera. É interessante como os místicos, sem se conhecerem, têm algumas idéias em comum ou universais.

Mas Antônio Conselheiro era uma criatura humilde e, de certo modo, obediente a sua Igreja. Procurava concorrer para o seu progresso. Valham-lhe estas linhas "... por cuja razão os vigários o deixavam impunemente **passar por santo** tanto mais que êle nada ganha e, ao contrário, promove os batizados, casamentos, desobrigas, festas, novenas, tudo mais em que consistiam os vastos rudimentos da Igreja" (1).

Êle tinha certo modo de entender e desaprovava certas idéias. Vem ao caso um fato. Um capuchinho falando sôbre o jejum como meio de mortificar a matéria e refrear as paixões, pela sobriedade, sem entretanto exigir demoradas angústias, porque "podia-se jejuar muitas vêzes, comendo carne ao jantar e tomando pela manhã uma chávena de café", tolhendo-lhe o sermão irreverente e irônica, contradita: "Oral isso não é jejuar, é comer a fartar" (2). Antônio Conselheiro sabia o que era jejum real. Êle o praticava.

Seguindo, também, o impulso da sua consciência, pregava onde

(1) Os Sertões, pp. 129.

(2) Os Sertões, pp. 158.

Ihe fôsse possível, a despeito da proibição de Dom Luís, o arcebispo, em circular ao clero baiano, a 16 de fevereiro de 1882, proibindo as atividades religiosas a que se entregava Antônio Vicente: pregações do púlpito de capelas ou sôbre latadas, construção de novas igrejas, reconstrução de cemitérios, etc.

Muitos eram favoráveis a êle quanto a certas idéias. Alguns eleitos do povo, em postos políticos, e entre êles um sacerdote, apresentavam-no como um benemérito do qual os conselhos se amoldavam pela ortodoxia cristã, a mais rígida.

9. Êle não era político, mas como muitos políticos não olhava com bons olhos a república. Como observador, à semelhança de muitos outros conservadores, o seu pensamento estava voltado para a monarquia.

Pugnava pela boa ordem. Insurgiu-se contra o álcool, sabendo-o causa de grande mal, como aconteceu com seu pai, ao tempo em que se embriagava, tentando matar a mulher e fracassando no comércio.

Na sua comunidade havia uma cadeia para os perturbadores da ordem. Desejava o bem-estar de todos. Infelizmente escapavam à sua observação fatos graves.

Vem ao caso citar êste trecho de Nertan Macedo. Um dia, em Canudos, disse aos que o rodeavam: "Quando Jesus andou pela terra foi acompanhado de cinco mil pessoas. No meio delas havia mais gente detestada do que boa. Ao lado do Bom Jesus já tem o mesmo número de pessoas" (1).

Antônio Conselheiro estava integrado nessa família de infelizes e de alguma sorte dependia dêles. Nesse caso, o indivíduo, às vêzes, tem a vontade controlada por outrem. Lembro-me das palavras de Jesus, referindo a Pedro "... quando eras moço, te cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas quando fôres velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá, e te levará para onde não queiras" (João 21:18).

Antônio Conselheiro foi acusado de crimes, porém foi reconhecido inocente pela polícia.

Não pretendo eximi-lo de faltas. Resta saber se certos atos reprováveis, em Canudos, foram praticados com a sua aprovação. Por falta de certas luzes, cometeu erros que, em parte, o desabonam.

(1) Nertan Macedo, *Antônio Conselheiro*, pg. 147.

Nessa direção, vem ao caso citar mais uma vez Saulo de Tarso, religioso em extremo que, como judeu, no seu fanatismo, perseguiu a Igreja de Cristo, julgando estar prestando um serviço a Deus. Eis as suas palavras: "Persegui êste caminho até a morte, prendendo e metendo em prisões, tanto varões como mulheres" (Atos dos Apóstolos 22: 3—4; 8:3). E prossegue: "Obrigava-os a blasfemar" (Atos dos Apóstolos, 26: 10—11; Carta aos Filipenses; 3:6; Carta 1.ª a Timóteo, 1:13). Alhures, confessa que por ignorância o havia feito.

Não fôra de balde que Jesus proferiu estas palavras: "Qualquer que vos matar, julgará prestar um serviço a Deus" (João 16:2).

10. Como muitos outros pregadores e místicos, Antônio Conselheiro doutrinava que os bens deviam ser em comum, tudo para todos.

A Igreja Cristã primitiva praticou com êxito o comunismo. São Lucas, o médico amado, apresenta êste relato importante sôbre o assunto: "Um era o coração e a alma das multidões que criam e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas tôdas as coisas lhes eram comuns. Não havia entre êles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades e casas, vendendo-as, traziam o preço do que fôra vendido e depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se por cada um, segundo a necessidade que cada um tinha" (Atos dos Apóstolos, 4:32—37).

Antônio Conselheiro era advogado dos pobres, pastor dos pobres. Como Zoroastro, chamado "pastor dos pobres". Como desse conselhos foi chamado "Conselheiro".

Quando não trabalhava em público, dirigindo obras pias, buscava o sossêgo e a solidão. Conhecesse a Bíblia, saberia, para seu confôrto e orientação, o que Cristo dissera em frases resumidas, mas universais: "Bem-aventurados os pobres" (Mateus 5:3; Lucas 6: 20); "Bem-aventurados os que choram" (Mateus 5:4); "Bem-aventurados os que são perseguidos por amor à justiça" (Mateus 5:11).

Os livros de que êle se servia para as suas prédicas, embora proibidos pela Igreja, eram a **Missão Abreviada** e as **Horas Marianas**. Mais tarde adquirira também um breviário. A sentir Nertan Macedo (1), serviu-se também de um outro livro. "Êle compunha o seu breviário pessoal, particular, nas horas de meditação".

É de crer que êle, destinado pelo pai a ser sacerdote um dia, e agora adulto e infeliz, se despertasse da consciência de criança

(1) Nertan Macedo, *Antônio Conselheiro*, pg. 143-147.

essa aspiração de ensinar, doutrinar e exercer a seu modo o seu ministério.

11. À semelhança de outros místicos, impressionava-se com o Juízo Final, o fim do mundo. Tachavam-no de louco e quiseram interná-lo sob o pretexto de monomania religiosa.

Uma nota importante: êle não acreditava em bruxaria. Não era tão desequilibrado como pensavam.

Para êle, êste mundo ilusório, "mundo de trevas", no dizer de São Paulo, cheio de decepções, inimigo de Deus, e sob o contrôle de Satanás, devia ter um fim para dar lugar a um mundo melhor, que sômente se processaria com a vinda de Cristo. Sem o saber, êle andava nas pegadas do apóstolo Paulo, o qual, pregando sôbre o mesmo tema, era chamado "louco" (Atos dos Apóstolos 26:24; 1.ª Carta aos Coríntios 4:10).

Lembro-me de que, quando estudante de teologia, o rev. Eduardo Carlos Pereira, que além de filólogo e professor, era pastor, fêz uma série de sermões notáveis sôbre a vinda de Cristo, que deveria acontecer em 1932-1933.

Nós, seus alunos, não rezávamos pela mesma cartilha do mestre quanto a êsse assunto. Mas ninguém de nós pensava que o pregador fôsse louco. Êle havia estudado a matéria, baseado em grandes teólogos.

Antônio Conselheiro fôra mal interpretado.

Êle nunca mandou matar ninguém. Nunca mandou perseguir alguém. Não matou o que manchara o seu lar, estando com o clavi-note na mão. Nem seguiu o exemplo da sua família — os Maciéis, célebres, corajosos e temidos.

Moisés assim não procedeu, ao ser chamado o homem mais manso do mundo; matou o egípcio.

Êle era religioso, piedoso, místico, humilde e perseguido por fanatismo. Levado certa vez pela escolta, foi espancado, porém não formulou a mais leve queixa.

Sabemos que sua religião, no comêço, se concretizou num oratório portátil, que era dependurado num galho de árvore. Ajoelhavam e oravam. Fazia lembrar a "arca da aliança" do Velho Testamento, que significa "casa" e a presença de Deus, com a diferença, porém, que a arca era considerada tabu. O indivíduo que a tocasse, morreria (2.º Livro de Samuel, 6:1—15).

Antônio Conselheiro tinha alguns conceitos e hábitos interessantes, coligidos por Nertan Macedo (1).

Entre os seus manuscritos, descobriu-se esta definição da vida: "O que é a vida humana neste mundo? Uma peregrinação para a eternidade".

No fim do breviário, despediu-se do mundo com estas expressões, que cheiram a panteísmo: "Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos".

É este modo de ver com relação à origem divina do poder político, que Oliveira Paiva e João Brígido já haviam observado na mentalidade sertaneja: "Todo o poder legítimo é uma emanação da onipotência eterna de Deus, e está sujeito a uma regra divina, tanto na ordem temporal como na espiritual, de sorte que, obedecendo ao Pontífice, ao Príncipe, ao Pai, só a Deus obedecemos".

Aos que o procuravam só permitia uma saudação: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!"

Não tomava em suas mãos dinheiro de espécie alguma, "nem mesmo o de Pedro Segundo".

Sempre dizia que, se alguém tem coragem de furtar uma agulha, a mesma coragem teria para furtar coisas maiores: um boi, um cavalo.

12. A morte de Antônio Conselheiro em 22 de setembro, no cêrco de Canudos, é assim relatada: "Ao ver tombarem, arrombados os santuários, santos feitos em estilhas, altares caídos, relíquias sacudidas no encalçamento das paredes e — alucinadora visão — o Bom Jesus repentinamente apeado do altar-mór, baqueado sinistramente em terra, despedaçado por uma granada, o seu organismo combatido dobrou-se ferido de emoções violentas, começou a morrer. Requintou-se na abstinência costumeira, levando-a ao absoluto jejum. Imobilizou-se certo dia, de bruços, a fronte colada à terra, dentro do templo em ruínas.

Ali o encontrou numa manhã Antônio Beatinho. Estava rígido e frio, tendo aconchegado ao peito um crucifixo de prata" (1).

13. Pobre homem que passou por fanático. Porém aqueles que o perseguiam, não podiam, em boa consciência, atirar pedra contra êle, pois respiravam as mesmas idéias.

Sem comentário, transcrevo uma nota ao pé da página de Os

(1) Nertan Macedo — Antônio Conselheiro, pg. 143-147.

(1) Os Sertões, pg. 413

Sertões: "pormenor curioso: a fôrça seguiu a 12, ao anoitecer, para não seguir a 13, dia aziago. E iam combater o fanatismo" (2).

Desenterrado, cortaram-lhe a cabeça e foi exposto ao vitupério.

Antônio Conselheiro é digno de um estudo mais largo e profundo como místico da história religiosa em nossa terra. E os resultados talvez venham a demonstrar que Antônio Conselheiro não é "um homem grande pelo avêssô", mas "um homem grande pelo direito".

Louvo-lhe o amor devotado àquela pobre gente que êle procurou guiar na vida espiritual! Louvo-lhe a convicção religiosa profunda da alma, morrendo abraçado com o crucifixo!

(2) **Os Sertões**, pg. 173